

A PERCEPÇÃO DOS GESTORES DE COOPERATIVAS DE CRÉDITO DE SANTA CATARINA QUANTO À EFICÁCIA DO CONTROLE INTERNO

BIANCA CECON

FURB - Universidade Regional de Blumenau
bcecon@outlook.com

CATIA HEINZEN

FURB - Universidade Regional de Blumenau
catiaheinzen@hotmail.com

MARCIA ZANIEVICZ DA SILVA

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU - FURB
marciaza@gmail.com

Área Temática: Estudos Organizacionais

A PERCEPÇÃO DOS GESTORES DE COOPERATIVAS DE CRÉDITO DE SANTA CATARINA QUANTO À EFICÁCIA DO CONTROLE INTERNO

RESUMO

O estudo objetivou verificar a percepção dos gestores, que atuam em cooperativas de crédito de Santa Catarina, em relação à eficácia do controle interno, tendo como base de análise a metodologia COSO. A pesquisa de natureza quantitativa é composta por uma amostra de 39 cooperativas de crédito das 64 existentes em Santa Catarina (61% do total). A coleta dos dados ocorreu por meio de questionário com perguntas fechadas o qual se baseou na metodologia do COSO, que foi encaminhado às cooperativas em abril de 2015. Os resultados demonstraram que, de acordo com os cinco objetivos estabelecidos na metodologia COSO (ambiente de controle, avaliação de riscos, atividade de controle, informação e comunicação e, atividade de monitoramento), na percepção dos gestores das cooperativas de crédito catarinenses, seus controles internos são eficientes, com destaque para o componente avaliação dos riscos. No entanto, recomenda-se maior atenção quanto aos componentes ambiente de controle e informação e comunicação.

Palavras-chave: Controle interno. Metodologia COSO. Cooperativas de crédito.

ABSTRACT

The study objective to verify the perception of managers, working in Santa Catarina credit cooperatives, regarding the effectiveness of internal control, with the analysis based on the COSO methodology. The quantitative research is composed of 39 of the 64 existing credit cooperatives in Santa Catarina (61% of the total). The data collection happened through a questionnaire with closed questions which was based on the COSO methodology, which was submitted to cooperatives in April 2015. The results demonstrated that, according to the five objectives established in the COSO methodology (control environment, risk assessment, control activities, information and communication, and monitoring activity), the perception of managers of Santa Catarina credit cooperatives, its internal controls are efficient, highlighting the component risk assessment. However, it is recommended more attention as the environmental control components and information and communication.

Keywords: Internal control. COSO methodology. Credit cooperatives.

1 INTRODUÇÃO

O ambiente empresarial, devido ao avanço da tecnologia e da concorrência global, tem se tornado cada vez mais complexo exigindo das organizações melhores mecanismos de controle, dos quais, destacam-se os controles internos, que são ferramentas essenciais para os gestores enfrentarem o atual cenário mundial e minimizarem os riscos aos quais as organizações estão expostas, favorecendo a obtenção de maior estabilidade no mercado (RASID; ISA; ISMAIL, 2014).

Segundo Buehler e Pritsch (2003), o risco é inevitável na vida empresarial, no entanto, saber gerenciar e assumir riscos é necessário para as organizações que objetivam maximizar seus resultados e aumentar o valor para seus acionistas. Um requisito essencial para a diminuição de fatos indesejados dentro das organizações é, segundo Floriano e Lozecky (2008), que as mesmas possuam controles internos eficazes, ou seja, para as empresas conseguirem resistir ao complexo ambiente onde atuam faz-se necessário à criação de mecanismos de controle interno.

De acordo com *Committee of Sponsoring Organization of the Treadway Commission* (COSO, 2013), o controle interno é um processo conduzido e desenvolvido pela administração e outros profissionais da entidade para proporcionar segurança razoável à realização dos objetivos das empresas. Para Carpes e Oro (2008), os controles internos em cooperativas servem como uma estrutura de reforço para atingir seus objetivos e, se fazem necessário por se tratar de entidades que não visam lucro, por serem controladas por seus cooperados e possuem um importante papel social. Outro fator relevante na análise dos controles internos em cooperativas de crédito, segundo Pinheiro (2008), é que essas organizações estão sujeitas aos riscos típicos da atividade do setor financeiro.

O COSO desenvolveu na década de 1990, um modelo que geralmente tem sido aceito e utilizado pelas as empresas com o intuito de avaliar a eficácia e qualidade dos sistemas de controles internos (MAIA et al., 2005). O COSO - *Internal Control – Integrated Framework* permite que as organizações desenvolvam, de forma efetiva e eficaz, sistemas de controle interno que se adaptam ao ambiente operacional das corporativos, reduzindo para níveis aceitáveis os riscos e contribuindo com o processo de tomada de decisão (COSO, 2013).

Embora diversos estudos tenham adotado a metodologia do COSO para analisar o gerenciamento do controle interno em cooperativas e instituições financeiras, tais como Maia et al (2005), Faria, De Luca e Machado (2009) e Carpes e Oro (2010), denota-se uma lacuna para realização desta pesquisa, visto que, não foram encontrados estudos que verificaram qual a percepção dos gestores de cooperativas em relação à eficácia do controle interno. Diante do exposto, a questão que norteia o desenvolvimento do estudo é: qual a percepção dos gestores em relação à eficácia do controle interno com base na metodologia COSO? Nesse sentido, o objetivo do estudo é verificar a percepção dos gestores, que atuam em cooperativas de crédito de Santa Catarina, em relação à eficácia do controle interno, tendo como base de análise a metodologia COSO.

Ressalta-se que, de acordo com Zanetti (2007), o controle interno em cooperativas de crédito possui um papel significativo diante da competitividade no sistema financeiro do Brasil. Além disso, justifica-se a pesquisa em cooperativas, pois segundo Carpes e Oro (2010), este segmento apresenta importância social e diversas especificidades, sendo uma delas, a necessidade de uma gestão comprometida em relação à prestação de contas para com os cooperados. E também, porque segundo Dorfmann, Eyal e Berety-Meyer (2014), as cooperativas passam por dilemas sociais, interesses coletivos e conflitos de interesses, o que torna a pesquisa nessa área relevante. Conforme dados da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB, 2012), existem 1.042 cooperativas de crédito, com 5.487.098 associados, gerando mais de 5.000 empregos diretos, com 4.579 pontos de atendimento, além de movimentar no Brasil aproximadamente 55 bilhões de reais por ano em operações de crédito.

No que se refere à metodologia COSO de acordo com Farias, De Luca e Machado (2009), esta metodologia é considerada como um importante *framework* para fazer o gerenciamento de controles internos, bem como também, conforme Beuren e Zonatto (2012), tem como principal enfoque o controle interno e atua para estabelecer os níveis de controles necessários às atividades relacionados diretamente aos objetivos da empresa. Para Ma e Ma (2011), a utilização da metodologia COSO nas empresas melhora a qualidade das informações econômicas e tem capacidade de motivar as pessoas, melhorando a eficácia dos seus sistemas de controle.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção são apresentados os temas que embasam conceitualmente a problemática do estudo em questão. Primeiramente é apresentada importância e os conceitos do controle interno para a gestão. Em seguida é abordada a metodologia de gerenciamento de controle interno do COSO, bem como estudos anteriores, os quais se fazem necessários para o embasamento teórico da presente pesquisa.

2.1 Controle Interno

Com o aumento da competitividade entre as empresas e o contínuo desenvolvimento do mercado, D'Avila e Oliveira (2002) abordaram sobre a necessidade dos gestores conhecerem ferramentas atuais de trabalho que possam proporcionar um aumento dos resultados positivos para as organizações. Por este motivo, os autores complementaram que se faz necessário à implementação de um Sistema de Controle Interno, que sirva de sustentação para auxiliar os administradores na gestão da empresa.

As questões referentes ao controle interno começaram a ser discutidas, segundo Heier, Dugan e Sayers (2004), inicialmente em meados de 1930 no meio acadêmico, porém em nível mais conceitual. As primeiras definições de controle interno, segundo Moeller (2007), foram registradas nos Estados Unidos pelo *American Institute of Certified Public Accountants* (AICPA) em 1930. Imoniana (2001, p. 95) registra em seu estudo a definição apresentada pelo AICPA para conceituar o controle interno:

O Controle Interno compreende o plano de organização e o conjunto coordenado de todos os métodos e medidas adotados na empresa para salvaguardar seus ativos, verificar a exatidão e a veracidade das informações contábeis, promover a eficiência das operações e fomentar maior adesão às políticas prescritas pela gerência.

Para Loebbecke e Arens (1991) e Almeida (1996), o controle interno refere-se a um conjunto de procedimentos, rotinas e métodos interligados que objetivam proteger os ativos da organização, criar dados contábeis confiáveis e auxiliar os gestores na conduta ordenada nos negócios das empresas. Logo, segundo os autores, o controle interno busca guiar as atividades da empresa para objetivos pré-estabelecidos, promovendo assim a eficiência operacional.

Destaca-se também que o controle interno é um processo realizado pelo conselho de administração e é destinado a fiscalizar, observar e dirigir os acontecimentos que podem trazer reflexos ao patrimônio, assim como busca assegurar que objetivos organizacionais sejam alcançados (FRANCO; MARRA, 2001; COSO, 2007; PANG; LI, 2013). Floriano e Lozeckyi (2008), relatam que o controle interno pode auxiliar os gestores nas atividades empresariais de forma positiva e deve ser modificado de acordo com a estrutura e complexidade do negócio.

2.2 Metodologia COSO

A organização COSO é uma entidade sem fins lucrativos, que tem por objetivo melhorar os relatórios financeiros por meio da ética, efetividade dos controles internos e

governança corporativa. O COSO é formado por representantes das cinco principais associações de classe de profissionais ligados à área financeira nos Estados Unidos (*American Accounting Association, American Institute of Certified Public Accountants, Financial Executives International, Institute of Management Accountants e pelo Institute of Internal Auditors*, (FARIAS; DE LUCA; MACHADO, 2010).

Em 1992 o COSO publicou um modelo para a avaliação dos controles internos - *O Internal Control – Integrated Framework* (ressalta-se que, no ano de 2013 houve uma nova versão dessa metodologia de avaliação dos controles internos, a qual será aprofundada posteriormente). Conforme Maia et al. (2005), essa metodologia geralmente é aceita como estrutura para os controles internos das organizações e utilizada para avaliar a eficiência dos sistemas de controles internos.

A metodologia COSO identifica os objetivos das organizações, define controle interno e seus componentes, fornece critérios a partir dos quais os sistemas de controles podem ser avaliados e fornece subsídios para que a administração, auditoria e demais interessados possam utilizar e avaliar os sistemas de controles (MORAIS, 2003).

A estrutura da metodologia COSO (2013) apresenta três categorias de objetivos: objetivo operacional, de divulgação e de conformidade. O objetivo operacional se relaciona com à eficácia e à eficiência das operações da entidade, inclusive as metas de desempenho financeiro e operacional e a salvaguarda de ativos. O objetivo de divulgação se refere as divulgações financeiras e não financeiras, internas e externas, podendo abranger os requisitos de confiabilidade, oportunidade, transparência ou outros termos estabelecidos pelas autoridades normativas, órgãos normalizadores reconhecidos ou às políticas da entidade. E, o objetivo de conformidade que se relaciona ao cumprimento de leis e regulamentações às quais a entidade está sujeita (COSO, 2013).

Além das três categorias de objetivos, a metodologia COSO se divide em cinco componentes de controle que se inter-relacionam, pelos quais a administração gerencia os riscos da empresa por meio do controle interno. Sendo eles: i) ambiente de controle; ii) avaliação de riscos; iii) atividade de controle; iv) informação e comunicação; v) atividade de monitoramento.

O ambiente de controle envolve a organização como um todo, é a conscientização do pessoal da empresa a respeito da importância dos controles e, portanto, envolve o comprometimento dos empregados, quanto ao entendimento em relação ao que deve ser feito, como deve ser feito e, finalmente, devem querer fazê-lo (PEREIRA et al., 2008). De acordo com Imoniana e Nohara (2005), o ambiente de controle é responsável pela forma como as empresas fixam seus objetivos e é a base para os demais componentes.

A avaliação dos riscos, segundo componente da metodologia COSO, tem como foco a identificação e avaliação dos riscos que podem afetar o alcance dos objetivos e metas que já foram previamente estabelecidas pelas entidades (DANTAS et al., 2010). Para Martin, Sanders e Scalan (2014), na avaliação dos riscos a organização identifica e avalia as mudanças que poderiam afetar significativamente o sistema de controle interno.

Quanto a atividade de controle, ela é realizada durante o processo de execução do trabalho e permite o gerenciamento dos controles internos e conseqüentemente a mitigação dos riscos (PEREIRA et al., 2008). Ainda conforme os autores, a atividade de controle garante o estabelecimento dos limites de decisão de cada funcionário, a segurança física dos ativos, segregação de funções, assim como, faz a avaliação da adequação da organização com relação às metas e objetivos traçados, de forma a antecipar desvios que possam impactar a organização.

Os componentes de informação e comunicação do controle interno são como as informações internas e externas divulgadas pela organização, tendo como requisito abranger todas as pessoas da entidade e serem repassados de forma clara e objetiva, o que vai

proporcionar um sistema de controle mais eficaz (REZAAE, 1995). O monitoramento do controle interno (último componente) é um importante porque o monitoramento do pessoal, políticas e procedimentos garante que as organizações continuem a operar de forma eficaz (CLINTON; PINELLO; SKAIFE, 2014).

Na sequência, o Quadro 1 sintetiza o conceito dos cinco componentes da estrutura COSO - controle interno elaborados pelo *Framework* COSO (2013).

Quadro 1 - Componentes do Controle Interno

| | |
|------------------------------------|---|
| Ambiente de controle | É um conjunto de normas, processos e estruturas que fornece a base para a condução do controle interno por toda a organização. A estrutura de governança e a alta administração estabelecem diretriz sobre a importância do controle interno, inclusive das normas de conduta esperadas. O ambiente de controle abrange a integridade e os valores éticos da organização; os parâmetros que permitem estrutura de governança cumprir com suas responsabilidades de supervisionar a governança; a estrutura organizacional e a delegação de autoridade e responsabilidade. |
| Avaliação de riscos | Envolve um processo dinâmico e iterativo para identificar e avaliar os riscos à realização dos objetivos. Estabelece a base para determinar a maneira como os riscos serão gerenciados. Uma condição prévia à avaliação de riscos é o estabelecimento de objetivos, ligados aos diferentes níveis da entidade. A administração especifica os objetivos dentro das categorias: operacional, divulgação e conformidade, com clareza suficiente para identificar e analisar os riscos à realização desses objetivos. |
| Atividades de controle | São ações estabelecidas por meio de políticas e procedimentos que ajudam a garantir o cumprimento das diretrizes determinadas pela administração para mitigar os riscos à realização dos objetivos. As atividades de controle são desempenhadas em todos os níveis da entidade, em vários estágios dentro dos processos corporativos e no ambiente tecnológico. Podem ter natureza preventiva ou de detecção e abranger uma série de atividades manuais e automáticas, como autorizações e aprovações, verificações, reconciliações e revisões de desempenho do negócio. A segregação de funções é geralmente inserida na seleção e no desenvolvimento das atividades de controle. |
| Informação e comunicação | A informação é necessária para que a entidade cumpra responsabilidades de controle interno a fim de apoiar a realização de seus objetivos. A administração obtém e utiliza informações importantes originadas tanto de fontes internas quanto externas. A comunicação é o processo contínuo e iterativo de proporcionar, compartilhar e obter as informações necessárias. A comunicação interna é o meio pelo qual as informações são transmitidas para a organização, fluindo em todas as direções da entidade. Ela permite que os funcionários recebam uma mensagem clara da alta administração de que as responsabilidades pelo controle devem ser levadas a sério. A comunicação externa permite o recebimento de informações externas significativas, e proporciona informações a partes externas em resposta a requisitos e expectativas. |
| Atividades de monitoramento | Uma organização utiliza avaliações contínuas, independentes, para se certificar da presença e do funcionamento de cada um dos cinco componentes de controle interno, inclusive a eficácia dos controles nos princípios relativos a cada componente. As avaliações contínuas, proporcionam informações oportunas. As avaliações independentes, conduzidas periodicamente, terão escopos e frequências diferentes, dependendo da avaliação de riscos, da eficácia das avaliações contínuas e de outras considerações da administração. Os resultados são avaliados em relação a critérios estabelecidos pelas autoridades normativas, órgãos normalizadores reconhecidos ou pela administração e a estrutura de governança, sendo que as deficiências são comunicadas à estrutura de governança e administração, conforme aplicável. |

Fonte: Adaptado de COSO (2013).

Percebe-se que existe uma relação direta entre os objetivos, que são o que a entidade busca alcançar, os componentes, que representam o que é necessário para atingir os objetivos, e a estrutura organizacional da entidade (as unidades operacionais e entidades legais, entre outras). Ressalta-se também que a estrutura estabelece condições para um sistema eficaz de controle interno, proporcionando segurança razoável na realização dos objetivos. Dessa forma, um sistema de controle interno eficaz reduz a um nível aceitável o risco de não conseguir atingir os objetivos pretendidos pela organização (COSO, 2013).

Estudos anteriores como Maia et al. (2005), Farias, De Luca e Machado (2009), Carpes e Oro (2010), investigaram como a metodologia COSO influência na qualidade e na eficácia dos controles internos em cooperativas agropecuária e de consumo, em banco e

empresa multinacional. Maia et al. (2005) analisaram se o sistema de controle interno contribuiu para a excelência corporativa na companhia General Electric Brasil. Verificaram o sistema de controle interno e a qualidade da sua estrutura, através de documentos relativos à sua estrutura de controle interno. Na sequência, testaram a qualidade da estrutura de controle interno contra as respostas obtidas por meio de um questionário enviado para gestores da empresa. Como conclusões obtiveram que a melhoria na eficiência e eficácia operacional foi confirmada pelo relatório de auditoria externa e que uma adequada estrutura de controle interno contribui para o alcance de um nível de excelência corporativa.

Farias, De Luca e Machado (2009) tiveram como objetivo analisar a adequação da metodologia COSO no gerenciamento dos controles internos do Banco do Brasil, na visão dos gerentes de agências. Verificaram questões relacionadas aos processos de gestão e objetivos estratégicos; eficiência e efetividade operacional; confiabilidade dos registros contábeis e financeiros; e conformidade com leis e normativos aplicáveis à entidade. Concluíram que do ponto de vista dos gerentes das agências, a metodologia COSO para o gerenciamento dos controles internos é apropriada e está alinhada aos interesses da estrutura e da cultura de controle interno propostas pelo banco.

Carpes e Oro (2010) investigaram a qualidade do ambiente de controle interno nas cooperativas agropecuárias do estado de Santa Catarina por meio de um *survey*. O universo de pesquisa contemplou 53 cooperativas agropecuárias. Como resultados evidenciaram que, na percepção dos respondentes, há boa qualidade no ambiente de controle, avaliado nesse estudo sob a perspectiva da metodologia COSO.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de verificar a percepção dos gestores em relação à eficácia do controle interno em cooperativas de crédito de Santa Catarina, a pesquisa caracteriza-se como descritiva, realizada através do método de levantamento (*survey*), com abordagem quantitativa.

A população da pesquisa correspondeu às 64 cooperativas de crédito do estado de Santa Catarina cadastradas na Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina (OCESC). Destas, 39 retornaram o questionário que foi enviado no mês de abril de 2015, por correio eletrônico, e se destinava aos gerentes das cooperativas. Dessa forma, tendo como percentual de erro aproximadamente 10%, os resultados podem ser generalizados para as cooperativas de crédito catarinenses.

Para a elaboração do questionário adaptou-se o modelo desenvolvido por Maia et al. (2005), onde foram analisados os cinco componentes da estrutura do COSO relativas ao sistema de controle interno. As perguntas referentes ao questionário foram fechadas, utilizando a escala Likert de 1 a 5, sendo 1 para não existe e 5 para ótimo. O ambiente de controle foi composto por cinco perguntas; a avaliação dos riscos por sete perguntas; a atividade de controle foi composta de onze perguntas; a informação e comunicação por duas perguntas; e o monitoramento foi composto por cinco perguntas.

O método de análise dos dados utilizado para alcançar o objetivo da pesquisa foi a estatística descritiva, esta que permitiu verificar através das médias a percepção dos gestores das cooperativas de crédito catarinenses em relação aos cinco componentes da metodologia COSO. Cada um dos cinco componentes foi analisado individualmente e, por fim, são realizadas análises das médias gerais, para se responder à questão problema da pesquisa.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Na seção são apresentadas a descrição e a análise dos resultados da pesquisa, onde inicialmente é exposto a percepção dos gestores das cooperativas de crédito de Santa Catarina referente a cada componente da metodologia COSO, ou seja, ambiente de controle, avaliação do risco, atividades de controle, informação e comunicação e, por fim, monitoramento. Em

seguida, são comparadas as médias gerais encontradas de cada um destes componentes, a fim de verificar a visão dos gerentes em relação à eficácia dos controles internos das cooperativas de crédito catarinenses.

4.1 Ambiente de Controle

Na subseção é descrito a percepção dos gestores em relação ao componente ambiente de controle da metodologia COSO, ou seja, faz-se uma análise da cultura corporativa, através do padrão de conduta, atitude, consciência, competência e estilo, para verificar como é considerado este componente nas cooperativas de crédito de Santa Catarina, na visão dos respondentes.

Tabela 1 – Percepção dos gestores em relação ao ambiente de controle

| Afirmativas | Escala | | | | | Total | Média | | Desvio padrão |
|--|---------|----------|-----------|-----------|-----------|------------|-------|------|---------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | |
| Comunicação da importância dos controles internos. | 1 3% | 3 8% | 4 10% | 16 41% | 15 38% | 39 100% | 4,05 | 3,84 | 0,26 |
| Reforçar seu código de conduta e ética, bem como o programa de cumprimento de regras. | 0 0% | 4 10% | 4 10% | 12 31% | 19 49% | 39 100% | 4,18 | | |
| Restabelecer o apropriado jargão “o exemplo vem de cima”. | 2 5% | 4 10% | 10 26% | 11 28% | 12 31% | 39 100% | 3,69 | | |
| Conduzir programas de treinamento e conscientização. | 2 5% | 2 5% | 10 26% | 15 38% | 10 26% | 39 100% | 3,74 | | |
| Estabelecer canais para comunicação aberta (incluindo mecanismos que possibilitem a informação anônima). | 2 5% | 4 10% | 13 33% | 10 26% | 10 26% | 39 100% | 3,56 | | |

Legenda: 1 – não existe; 2 – pouca importância; 3 – regular; 4 – bom; 5 – ótimo.

Fonte: Dados da pesquisa.

Na Tabela 1 são apresentadas as frequências absolutas e relativas das afirmativas referentes ao componente ambiente de controle da metodologia COSO. Além das frequências, apresenta-se a média das respostas de cada uma das questões e a média geral de todas as afirmativas. A média geral de todas representa a percepção que os gestores das cooperativas de crédito catarinenses têm sobre esse componente, ou seja, se existe ou não o ambiente de controle, e no caso de existir, como o mesmo é considerado pelos gestores.

Observa-se que as afirmativas comunicação da importância dos controles internos e, reforçar seu código de conduta e ética, bem como o programa de cumprimento de regras apresentaram médias próximas a quatro, o que significa que a percepção dos gerentes em relação ao componente Ambiente de Controle, nestas duas afirmativas, é considerado bom. Analisando-se as respostas de cada uma das duas afirmativas, pode-se observar que a comunicação da importância dos controles internos é vista pela maioria dos gestores como boa (41%) ou ótima (38%), assim como, reforçar o código de conduta e ética, bem como o programa de cumprimento de regras, apresenta resultados semelhantes, 49% dos respondentes consideram como ótimo e 31% deles consideram como bom.

As afirmativas estabelecer o apropriado jargão “o exemplo vem de cima”; conduzir programas de treinamento e conscientização, e, estabelecer canais para comunicação aberta apresentaram médias que variam de 3,56 a 3,74, o que indica que as maiorias dos respondentes consideram o componente Ambiente de Controle de regular a bom em relação a essas três afirmativas. Destaca-se também que, nas três afirmativas, as opções de resposta que apresentam as maiores frequências de respondentes variaram entre regular e ótimo.

Outro dado que merece destaque é a importância da afirmativa reforçar seu código de conduta e ética, bem como o programa de cumprimento de regras, onde nenhum dos entrevistados apontou que a mesma não existe dentro das cooperativas de crédito investigadas. Esse achado diverge dos resultados encontrados por Carpes e Oro (2010), onde 13 dos 30 gestores das cooperativas agropecuárias investigadas apontaram não existir esse componente na sua estrutura interna. De acordo com Maia (2005) a condução da empresa com base na integridade e na ética pode determinar maior consistência dos controles.

A média geral das afirmativas referentes a percepção dos gestores em relação ao componente Ambiente de Controle foi de 3,84, isto indica que os gerentes das cooperativas de crédito de Santa Catarina consideraram este componente como sendo de regular a bom, ficando mais próximo de ser avaliado como bom pelos gestores. Segundo o COSO (2013), o ambiente de controle é o alicerce para a condução do controle interno de toda a organização. Logo, este componente sendo aprimorado nas cooperativas, levaria a uma melhor condução de seu controle interno.

4.2 Avaliação dos Riscos

Neste tópico é apresentado a percepção dos gestores das cooperativas de crédito de Santa Catarina em relação ao componente Avaliação dos riscos, tendo como base a metodologia COSO, ou seja, investiga se existe à identificação e análise pela administração dos riscos internos e externos mais relevantes para o alcance dos objetivos operacionais.

Tabela 2 - Percepção dos gestores em relação a avaliação dos riscos

| Afirmativas | Escala | | | | | Total | Média | Desvio padrão |
|---|--------|----|-----|-----|-----|---------|-------|---------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | |
| Identificação dos riscos nos principais processos organizacionais (manuais e informatizados). | 0 | 2 | 8 | 14 | 15 | 39 | 4,16 | 0,13 |
| | 0% | 5% | 21% | 36% | 38% | 100,00% | | |
| Estabelecer padrão contábil significativo. | 0 | 3 | 8 | 15 | 13 | 39 | | |
| | 0% | 8% | 21% | 38% | 33% | 100% | | |
| Respeitar regulações do ramo de atividade. | 0 | 2 | 5 | 12 | 20 | 39 | | |
| | 0% | 5% | 13% | 31% | 51% | 100% | | |
| Análise das ocorrências de descumprimento de políticas e procedimentos da companhia. | 1 | 0 | 6 | 19 | 13 | 39 | | |
| | 3% | 0% | 15% | 49% | 33% | 100% | | |
| Gerenciamento dos riscos do negócio (financeiro: mercado – liquidez e crédito – inadimplência e garantias). | 0 | 1 | 10 | 10 | 18 | 39 | | |
| | 0% | 3% | 26% | 26% | 45% | 100% | | |
| Gerenciamento dos riscos nos processos (controles sobre os | 0 | 3 | 6 | 10 | 20 | 39 | 4,21 | |

| | | | | | | | | | |
|--|----|----|-----|-----|-----|------|------|--|--|
| processos de fechamento e preparação das demonstrações financeiras). | 0% | 8% | 15% | 26% | 51% | 100% | | | |
| Gerenciamento dos riscos na Auditoria Interna (permite a identificação de transações realizadas com as políticas determinadas pela administração). | 0 | 1 | 7 | 8 | 23 | 39 | 4,36 | | |
| | 0% | 3% | 18% | 20% | 59% | 100% | | | |

Legenda: 1 – não existe; 2 – pouca importância; 3 – regular; 4 – bom; 5 – ótimo.

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se que as afirmativas obtiveram médias próximas a quatro, ou seja, a percepção dos gestores em relação a esse elemento nas afirmativas: identificação dos riscos nos principais processos organizacionais; estabelecer padrão contábil significativo; respeitar regulações do ramo de atividade; análise das ocorrências de descumprimento de políticas e procedimentos da companhia; gerenciamento dos riscos do negócio; gerenciamento dos riscos nos processos e; gerenciamento dos riscos na auditoria interna, em média foi analisado como bom. Este resultado corrobora com os encontrados por Carpes e Oro (2010), que investigaram cooperativas agropecuárias e de insumos. Logo, pode-se inferir que, mesmo pertencendo a setores diferentes, a avaliação dos riscos nas cooperativas catarinenses segue padrões similares.

Fazendo-se uma análise individual das afirmativas, há duas questões que merecem destaque: a primeira refere-se à ausência da afirmativa para a questão relacionada à análise das ocorrências de descumprimento de políticas e procedimentos da companhia, apontada por um dos respondentes do questionário que, de acordo com Baptista, Silva e Araújo (2012) pode prejudicar a institucionalização das estratégias nas empresas. Além disto, cabe destacar que as afirmativas, respeitar regulações do ramo de atividade; gerenciamento dos riscos nos processos e gerenciamento dos riscos na auditoria interna, apresentaram a maior parte de suas frequências como ótimo, o que sugere que, na percepção dos gestores das cooperativas de crédito de Santa Catarina, quanto ao componente de Avaliação dos Riscos analisado por meio destes três indicadores, ele é considerado ótimo.

Quanto a média geral das afirmativas em relação ao componente avaliação dos riscos da metodologia COSO, observa-se que a mesma é de 4,16, o que indica que os gestores avaliam existir esse componente nas cooperativas de crédito que atuam e, além disto, que o mesmo é visto pelos respondentes em média como bom. Conforme o COSO (2013), a avaliação dos riscos estabelece uma base para determinar a forma como os riscos vão ser gerenciados pela organização. Neste caso então, conforme apresentado pelos respondentes, há uma boa base para determinar como os riscos serão gerenciados pelas cooperativas de crédito catarinenses.

4.3 Atividades de Controle

É apresentado na subseção a visão dos gestores em relação ao componente Atividades de Controle, segundo a metodologia COSO, ou seja, são verificadas a percepção dos gestores em relação as políticas, procedimentos e práticas adotadas para assegurar que os objetivos operacionais sejam atingidos e que as estratégias para atenuar os riscos sejam executadas tempestivamente nas cooperativas de crédito catarinenses.

Tabela 3 - Percepção dos gestores em relação a atividade de controle

| Afirmativas | Escala | | | | | Total | Média | Desvio padrão |
|-------------|--------|---|---|---|---|-------|-------|---------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | |

| | | | | | | | | | |
|---|---------|----------|-----------|-----------|-----------|---------------|------|------|------|
| Aprovações, autorizações e verificações. | 0 0% | 3 8% | 4 10% | 16 41% | 16 41% | 39 100,00% | 4,15 | 4,03 | 0,23 |
| Gerenciamento funcional direto ou gerenciamento de atividades. | 0 0% | 4 10% | 5 13% | 10 26% | 20 51% | 39 100% | 4,18 | | |
| Revisão dos indicadores de desempenho. | 2 5% | 3 8% | 12 31% | 7 18% | 15 38% | 39 100% | 3,77 | | |
| Segurança dos ativos. | 1 3% | 4 10% | 6 15% | 7 18% | 21 54% | 39 100% | 4,1 | | |
| Segregação de funções. | 2 5% | 3 7% | 10 26% | 10 26% | 14 36% | 39 100% | 3,79 | | |
| Controles dos sistemas de informática (acesso, integridade, disponibilidade e infraestrutura, protocolos de internet e banco de dados, considerações de segurança). | 0 0% | 2 5% | 7 18% | 16 41% | 14 36% | 39 100% | 4,08 | | |
| Limites de autoridades. | 0 0% | 1 2% | 5 13% | 17 44% | 16 41% | 39 100% | 4,23 | | |
| Reconciliações. | 3 8% | 1 3% | 9 23% | 15 38% | 11 28% | 39 100% | 3,77 | | |
| Documentação fidedigna. | 0 0% | 0 0% | 5 13% | 10 26% | 24 61% | 39 0% | 4,49 | | |
| Mapeamento dos controles internos através de organogramas que determinem linhas de responsabilidades. | 0 0% | 2 5% | 14 36% | 11 28% | 12 31% | 39 100% | 3,85 | | |
| Políticas e procedimentos formais que apontem as instruções a serem seguidas pelo pessoal, evitando interpretações dúbias, mal entendidos. | 2 5% | 2 5% | 10 26% | 10 26% | 15 38% | 39 100% | 3,87 | | |

Legenda: 1 – não existe; 2 – pouca importância; 3 – regular; 4 – bom; 5 – ótimo.

Fonte: Dados da pesquisa.

Todas as afirmativas utilizadas para verificar o componente Atividade de Controle nas cooperativas catarinenses apresentaram médias entre 3,77 e 4,49, ou seja, a percepção dos gerentes em relação a essas afirmativas o componente Atividade de Controle da metodologia COSO foi considerado boa.

As afirmativas controles dos sistemas de informática; segurança dos ativos; aprovações, autorizações e verificações; gerenciamento funcional direto ou gerenciamento de atividades; limites de autoridades e; documentação fidedigna, apresentaram médias entre 4,08 e 4,49, constatando que na percepção dos respondentes estas variam de bom a ótimo. Sendo que a afirmativa com maior média foi a documentação fidedigna (4,49). Esta quando analisada de forma individual, apresentou a maior frequência de resposta considerando-a

ótima (61% dos respondentes da amostra), sinalizando que as cooperativas de crédito catarinenses estão atentas a confiabilidade dos documentos produzidos internamente.

As afirmativas relacionadas a revisão dos indicadores de desempenho; reconciliações; segregação de funções; mapeamento dos controles internos através de organogramas e; políticas e procedimentos formais que apontem as instruções a serem seguidas apresentaram médias entre 3,77 e 3,87, sugerindo dessa forma, que na visão dos gestores das cooperativas de crédito catarinenses, no que tange à essas cinco afirmativas, o componente Atividade de Controle é considerado de regular à bom.

A percepção dos gestores em relação às afirmativas referentes ao componente Atividade de Controle apresentou média geral de 4,03, o que indica que, em geral, os gestores das cooperativas de crédito investigadas consideram este componente como bom na estrutura de controle interno das cooperativas onde atuam. Este achado é importante, pois de acordo com o COSO (2013) a atividade de controle garante o cumprimento das regras estabelecidas pela administração. Logo, verifica-se que os gestores percebem a ocorrência do cumprimento das diretrizes determinadas pela parte administrativa das cooperativas, o que leva a mitigação dos riscos a realização dos objetivos.

4.4 Informação e Comunicação

Neste tópico são apresentados os resultados das questões referentes ao componente Informação e Comunicação da metodologia COSO, ou seja, a percepção dos gestores em relação a troca de informação entre a administração e os funcionários das cooperativas de crédito catarinenses.

Tabela 4 - Percepção dos gestores em relação a informação e comunicação

| Afirmativas | Escala | | | | | Total | Média | | Desvio padrão |
|--|--------|----|-----|-----|-----|---------|-------|------|---------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | |
| Comunicação com a alta administração. | 3 | 2 | 8 | 14 | 12 | 39 | 3,77 | 3,82 | 0,07 |
| | 8% | 5% | 20% | 36% | 31% | 100,00% | | | |
| Disponibilidade das informações a todos os envolvidos. | 1 | 3 | 8 | 15 | 12 | 39 | 3,87 | | |
| | 3% | 8% | 20% | 38% | 31% | 100% | | | |

Legenda: 1 – não existe; 2 – pouca importância; 3 – regular; 4 – bom; 5 – ótimo.

Fonte: Dados da pesquisa.

As duas afirmativas investigadas (Comunicação com a alta administração e; Disponibilidade das informações a todos os envolvidos) referentes ao componente Informação e Comunicação da metodologia COSO apresentaram respostas semelhantes. Os resultados apontaram que a maioria dos respondentes tem a percepção de que existe comunicação regular à boa (3,77) com a alta administração nas cooperativas investigadas, além da disponibilidade de informações que também foi considerada pelos respondentes de regular à boa (3,87).

Cabe destacar que ambas as afirmativas demonstraram um número significativo de indicações (8) considerando ser regular a comunicação com a alta administração e a disponibilidade das informações a todos os envolvidos das cooperativas, o que de acordo com Carpes e Oro (2010) são resultados que indicam a necessidade de melhoria nestes quesitos, pois conforme os mesmos, o nível estratégico e o planejamento estratégico constroem o futuro das cooperativas e, portanto o fluxo de comunicação deve fluir em todos os níveis organizacionais.

A média geral encontrada referente à percepção dos gestores em relação às duas afirmativas relacionadas ao componente Informação e Comunicação foi de 3,82, sugerindo que pela visão dos gerentes, esse elemento existe nas cooperativas e é considerado pela maioria como sendo de regular à bom. Conforme mencionado pelo COSO (2007), um sistema eficaz de identificação, coleta e comunicação da informação é essencial para o bom funcionamento dos controles internos. Logo, há a necessidade das cooperativas de crédito catarinenses dedicarem atenção à gestão deste componente para garantir um melhor funcionamento de seus controles.

4.5 Monitoramento

Neste tópico é apresentado a visão dos gestores das cooperativas de crédito catarinenses em relação ao componente Monitoramento, conforme a metodologia COSO, ou seja, o processo para estimar e avaliar a qualidade dos controles internos, além de verificar se estão adequadamente desenhados e monitorados.

Tabela 5 - Percepção dos gestores em relação ao monitoramento

| Afirmativas | Escala | | | | | Total | Média | | Desvio padrão |
|---|--------|-----|-----|-----|-----|---------|-------|------|---------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | |
| Confirmação de que as pessoas que avaliaram as atividades de controle o fizeram de modo pontual e com compreensão total e completa das implicações decorrentes desse tipo de confirmação. | 2 | 1 | 6 | 13 | 17 | 39 | 4,08 | 4,09 | 0,22 |
| | 5% | 3% | 15% | 33% | 44% | 100,00% | | | |
| Comprovação de que a documentação completa e precisa é mantida. | 0 | 2 | 5 | 10 | 22 | 39 | 4,33 | | |
| | 0% | 5% | 13% | 26% | 56% | 100% | | | |
| Documentação e comunicação dos resultados da avaliação. | 0 | 2 | 5 | 14 | 18 | 39 | 4,23 | | |
| | 0% | 5% | 13% | 36% | 46% | 100% | | | |
| Atividade da Equipe de Gerenciamento do Programa de Controles Internos. | 0 | 4 | 14 | 9 | 12 | 39 | 3,74 | | |
| | 0% | 10% | 36% | 23% | 31% | 100% | | | |
| Atividades da Auditoria interna. | 0 | 3 | 8 | 11 | 17 | 39 | 4,08 | | |
| | 0% | 8% | 20% | 28% | 44% | 100% | | | |

Legenda: 1 – não existe; 2 – pouca importância; 3 – regular; 4 – bom; 5 – ótimo.

Fonte: Dados da pesquisa.

É possível observar que a afirmativa Atividade da Equipe de Gerenciamento do Programa de Controles Internos é a única que apresentou média inferior a 4,0 sendo de 3,74, ou seja, na percepção dos respondentes, a partir desta afirmativa, o componente Monitoramento pode ser considerado de regular a bom. As outras quatro afirmativa (Confirmação de que as pessoas que avaliaram as atividades de controle o fizeram de modo pontual e com compreensão total e completa das implicações decorrentes desse tipo de confirmação; Atividades da Auditoria interna; Documentação e comunicação dos resultados da avaliação e; Comprovação de que a documentação completa e precisa é mantida) apresentaram médias entre 4,08 e 4,33, o que sugere que, para os gestores das cooperativas de crédito catarinenses, o componente Monitoramento é considerado entre bom e ótimo.

Uma das afirmativas que merece destaque no componente Monitoramento é a Comprovação de que a documentação completa e precisa é mantida, onde é avaliada como ótimo pela maioria dos gestores (56%). Além disto, não apresentaram nenhuma resposta considerando que a mesma não existe, o que sugere que, para os gestores das cooperativas de crédito catarinenses, a comprovação de que a documentação completa e precisa é mantida é essencial para um adequado monitoramento e eficácia do controle interno.

Por fim, verifica-se que os gestores percebem o componente Monitoramento como bom (4,09). Esse resultado é importante, pois implica na verificação da certificação da presença e do funcionamento de cada um dos cinco componentes do controle interno (COSO, 2013), e sinaliza que cada um destes componentes é averiguado dentro das cooperativas de crédito catarinenses.

4.6 Comparação das médias dos componentes da metodologia COSO

Neste tópico são comparadas as médias encontradas referentes à concepção dos gestores a cada um dos componentes da metodologia COSO investigados. Busca-se analisar a percepção dos mesmos em relação à eficácia dos controles internos das cooperativas de crédito.

Tabela 6 - Comparação das médias dos componentes

| Componente | Média | Desvio-Padrão |
|---------------------------|-------|---------------|
| Ambiente de Controle. | 3,84 | 0,26 |
| Avaliação dos Riscos. | 4,16 | 0,13 |
| Atividades de Controle. | 4,03 | 0,23 |
| Informação e Comunicação. | 3,82 | 0,07 |
| Monitoramento. | 4,09 | 0,22 |

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela apresenta a comparação das médias para os cinco componentes da metodologia COSO que foram investigados. Observa-se que todos os componentes apresentam médias próximas a 4,0, ou seja, os componentes Ambiente de Controle; Avaliação dos Riscos; Atividades de Controle; Informação e Comunicação e; Monitoramento são considerados, na percepção dos gestores, na estrutura dos controles internos das cooperativas como bons.

Além disto, destaca-se que o componente que apresentou a melhor média foi a Avaliação dos riscos (4,16) e, além disto, este componente foi o que apresentou o segundo menor desvio padrão, mostrando assim a baixa assimetria do resultado encontrado. Segundo Carpes e Ouro (2010) este dado pode indicar um bom alinhamento do sistema de controle interno com os objetivos de resguardar e mitigar os riscos.

Os dados encontrados indicam também que, de acordo com a percepção dos gestores, pode-se afirmar que há eficácia no controle interno das cooperativas de crédito de Santa Catarina, com base nos cinco componentes da metodologia COSO - *Internal Control – Integrated Framework* investigados e que em geral, o controle interno das cooperativas pode ser apontado como bom, apresentando desvios-padrões com baixa variação de respostas.

Dois componentes apresentam resultados que indicam uma necessidade de melhoria nos controles, sendo eles o Ambiente de Controle e a Informação e Comunicação. Estes achados são semelhantes aos resultados encontrados por Carpes e Oro (2010) nas cooperativas agropecuárias catarinenses, as quais verificaram que na percepção dos gestores respondentes existe também uma boa qualidade nos cinco componentes da metodologia COSO investigados, mas que também existe uma necessidade de melhoria no controle de gestão das cooperativas.

5 CONCLUSÃO

O estudo buscou analisar a percepção dos gestores sobre a eficácia do controle interno com base aos preceitos da metodologia COSO em cooperativas de crédito de Santa Catarina registradas na OCESC. Para cumprir com o objetivo foi aplicado um questionário com os gerentes das agências a fim de mensurar suas visões sobre o controle interno referente os princípios e os cinco componentes do *Internal Control – Integrated Framework* (COSO).

No que tange a estrutura do ambiente de controle, as cooperativas de crédito demonstraram possuir bons resultados com relação a cultura corporativa, sendo que, os itens com maior média foram a importância da comunicação dos controles internos e os padrões de éticas, o que sugere que esses componentes estão mais bem estruturados na percepção dos gestores e evidencia que as cooperativas de crédito catarinenses possuem processos e estruturas que fornecem uma base adequada para a condução eficaz do controle interno em toda a organização.

O segundo componente averiguado foi à avaliação de risco que se refere ao processo dinâmico para identificar e avaliar os riscos perante a realização dos objetivos, bem como também, estabelece base para determinar a maneira como os riscos serão gerenciados. Dessa forma, constatou-se que, 59% dos gerentes consideram ótimo o gerenciamento dos riscos pela auditoria interna e, 51% ponderaram ótimo o respeito a regulações. Somente um gerente respondeu que não existe avaliação dos riscos no controle interno, o que sugere que todas as cooperativas têm preocupação com esse componente na sua estrutura interna de controle.

O resultado das políticas, procedimentos e práticas adotadas para assegurar que os objetivos operacionais sejam atingidos e as estratégias para atenuar riscos sejam executadas (atividade de controle), indicaram que o critério de gerenciamento funcional direto ou gerenciamento de atividades e a documentação fidedigna tiveram um maior grau de evidenciação, com 4,18 e 4,49 de média, respectivamente, o que demonstra uma frequência entre boa e ótima. No entanto, um item que merece atenção para melhorar a eficácia dos controles é o mapeamento dos controles internos através de organogramas que determinem linhas de responsabilidades, nessa afirmativa, 36% dos respondentes marcaram como sendo regular.

Referente os objetivos de informação e comunicação (quarto componente da estrutura COSO), os resultados obtidos evidenciaram um nível de bom a ótimo nas duas afirmativas, ou seja, a comunicação com a alta administração e disponibilidade das informações a todos os envolvidos foram equivalentes a 67% e 69%, o que sugere que a administração obtém e utiliza informações importantes com qualidade, vindo a contribuir juntamente com os demais componentes da estrutura para a eficácia do controle interno.

Verificou-se também a percepção dos gestores sobre as atividades de monitoramento, nesse componente as afirmativas com maior significância dizem respeito à comprovação de documentação e comunicação dos resultados da avaliação com média de 4,33 e 4,23. No entanto, todos os critérios analisados podem ser considerados de bons a ótimos, pois obtiveram média geral acima de quatro, o que sinaliza as cooperativas utilizam avaliações contínuas e independentes para certificarem quanto a presença e do funcionamento de cada um dos cinco componentes de controle interno, dessa forma, verificando a eficácia de tais controles nos princípios relativos à estrutura da metodologia COSO.

O campo de observação da pesquisa foram às cooperativas de crédito de Santa Catarina, com base nos dados e resultados apurados, pode-se afirmar que na percepção dos gestores as cooperativas apresentam bons controles internos o que contribui para a eficácia da atividade, ou seja, os resultados demonstraram que de acordo com os objetivos estabelecidos na metodologia COSO, as cooperativas de crédito são eficazes em seus controles internos.

A contribuição desse trabalho reside pelo fato de analisar a eficácia dos controles internos das cooperativas de crédito de Santa Catarina e ampliar o entendimento sobre a estrutura COSO. Como limitação do estudo considera-se a metodologia aplicada, quando se trabalha com aplicação de questionário pode haver distorções nas respostas dos integrantes da pesquisa. Bem com também, limita-se a pesquisa pela margem de erro da amostra, aproximadamente 10%. Sugere-se para pesquisas futuras analisar outros modelos para mensurar a eficácia dos controles internos a fim de fazer uma comparação com os resultados obtidos por essa pesquisa que utilizou a estrutura e os 5 componentes da metodologia COSO, verificando dessa forma, se há relação com os achados. Além de ampliar a pesquisa para outras organizações.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marcelo Cavalcanti, **Auditoria: um moderno curso e completo**. 5. ed., São Paulo: Atlas, 1996.
- BAPTISTA, Antônio Eustáquio; SILVA, Wendel Alex Castro; ARAÚJO, Elisson Alberto Tavares. Sistema de controles internos em empresas de laticínios da região do Alto Paranaíba/MG. **Custos e @gronegocio**, v.8, n.4, p. 100, 2012.
- BUEHLER, Kevin S.; PRITSCH, Gunnar. Running with risk. **The McKinsey Quarterly**, n. 4, p. 40-49, 2003.
- CARPES, A. M. S.; ORO, I. M. Análise do ambiente de controle interno nas cooperativas agropecuárias do estado de Santa Catarina: uma investigação alicerçada na perspectiva da metodologia COSO. In: CONGRESSO USP DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM CONTABILIDADE, 7., 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Congresso USP, 2010.
- CLINTON, Sarah B.; PINELLO, Arianna Spina; SKAIFE, Hollis A. The implications of ineffective internal control and SOX 404 reporting for financial analysts. **Journal of Accounting and Public Policy**, v. 33, n. 4, p. 303-327, 2014.
- COMMITTEE OF SPONSORING ORGANIZATION OF THE TREADWAY COMMISSION - COSO. **Internal control**. Disponível em: <<http://www.coso.org>>. 2013. Acessado em: abril de 2014.
- COSO – COMMITTEE OF SPONSORING ORGANIZATIONS OF THE TREADWAY COMMISSION. **Gerenciamento de riscos corporativos - Estrutura Integrada: Sumário Executivo**. São Paulo: PricewaterhouseCoopers, 2007.
- D'AVILA, Marcos Zahler; OLIVEIRA, Marcelo Aparecido Martins de. **Conceitos e técnicas de Controles Internos de Organizações**. São Paulo: Nobel, 2002.
- DANTAS, José Alves; RODRIGUES, Fernanda Fernandes; MARCELINO, Gileno Fernandes; LUSTOSA, Paulo Roberto Barbosa. Custo-benefício do controle: proposta de um método para avaliação com base no COSO. **Contabilidade, gestão e governança**. Brasília, v.13, n.2, p.3-19, 2010.
- DA SILVA ZONATTO, Vinícius Costa; BEUREN, Ilse Maria. Evidenciação das características básicas recomendadas pelo coso (2004) para a gestão de riscos em ambientes de controle no relatório da administração de empresas brasileiras com ADRS. **Contextus**, v. 10, n. 1, p. 77-98, 2012.
- DORFMAN, Anna; EYAL, Tal; BEREBY-MEYER, Yoella. Proud to cooperate: The consideration of pride promotes cooperation in a social dilemma. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 55, p. 105-109, 2014.
- FARIAS, Rômulo Paiva; DE LUCA, Márcia Martins Mendes; MACHADO, Marcus Vinicius Veras. A metodologia COSO como ferramenta de gerenciamento dos controles internos. **Contabilidade, Gestão e Governança**, v. 12, n. 3, p. 55-71, 2010.
- FRANCO, Hilário, MARRA, Ernesto. **Auditoria contábil**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

FLORIANO, José Cebaldir; LOZECKYI, Jeferson. A importância dos instrumentos de controle interno para a gestão empresarial. **Revista eletrônica unicentro**, v. 5, n. 5, p. 1-8, 2008.

Heier, D., Jan, R., Dugan, M. T., & Sayers, D. L. Sarbanes-Oxley and the culmination of internal control development: A study of reactive evolution. **American Accounting Association**, 2004. Disponível em: <<http://ssrn.com/abstract=488783>>. Acessado em: abril de 2015.

IMONIANA, Joshua Onome; NOHARA, Jouliana Jordan. Cognição da estrutura de controle interno: uma pesquisa exploratória. **Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, v. 2, n. 1, p. 37-46, 2005.

IMONIANA, Joshua Onome. **Auditoria**: abordagem contemporânea. Associação de Ensino de Itapetininga, São Paulo: AEI, 2001.

LOEBBECKE, James K.; ARENS, Avin A. **Auditing**: an integrated approach. 5. ed. Prentice Hall: New York, 1991.

MA, Junhai; MA, Chunyong. Factor analysis based on the COSO framework and the Government audit performance of control theory. **Procedia Engineering**, v. 15, p. 5584-5589, 2011.

MAIA, Matheus Silva; SILVA, Marlene Ribeiro da; DUEÑAS, Rodrigo; ALMEIDA, Priscila Plaza de; MARCONDES, Sérgio; CHING, Hong Yuh. Contribuição do sistema de controle interno para a excelência corporativa. **Revista Universo Contábil**, v. 1, n. 1, p. 54-70, 2005.

MARTIN, Kasey; SANDERS, Elaine; SCALAN, Genevieve. The potential impact of COSO internal control integrated framework revision on internal audit structured SOX work programs. **Research in Accounting Regulation**, v. 26, n. 1, p. 110-117, 2014.

MOELLER, R. **COSO enterprise risk management**: Understanding the new integrated ERM framework. New Jersey, USA: John Wiley & Sons, Inc., 2007.

MORAES, J. C. F. **Análise da eficácia da disseminação de conhecimentos sobre controles internos após sua implementação no Banco do Brasil**. 2003. 121 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS - OCB. **Educação e capacitação cooperativista do sistema**. Brasília: OCB, 2012. Disponível em: <http://www.ocb.org.br/site/brasil_cooperativo/index.asp>. Acessado em: maio de 2015

PANG, Yanhong; LI, Qing. Game analysis of internal control and risk management. **International Journal of Business and Management**, v. 8, n. 17, p. p103, 2013.

PELEIAS, Ivan R. **Falando sobre o controle interno**. Boletim IOB - Temática Contábil e Balanços, São Paulo, n. 50, p. 1-9, 2003

PEREIRA, E. M.; BRACALENTE, F.; DINOFRÉ, M.; BERNARDIELLI, M. L. COSO – The Committee of Sponsoring Organizations of the Treadway Commission. 2008. Disponível em: <http://www.infosegura.eti.br/artigos/COSO.pdf>; Acessado em: abril de 2015.

RASID, Siti Zaleha Abdul; ISA, Che Ruhana; ISMAIL, Wan Khairuzzaman Wan. Management accounting systems, enterprise risk management and organizational performance in financial institutions. **Asian Review of Accounting**, v. 22, n. 2, p. 128-144, 2014.

REZAEE, Zabihollah. What the COSO report means for internal auditors. **Managerial Auditing Journal**, v. 10, n. 6, p. 5-9, 1995.

ZANETTE, Maicon Anderson. **Controle Interno no Cooperativismo de Crédito: Um estudo de Caso Baseado nos Componentes da Metodologia COSO**. Monografia (Graduação em Ciências Contábeis) - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis, 2007.